

Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana
Colóquio Internacional "O encontro"
Trabalho apresentado por Trieb Institución Psicoanalítica

Partimos das perguntas que o argumento deste Colóquio nos acercou: o que podem augurar os encontros em Convergência? Como superar os pressupostos para avançar a fim de suscitar o imprevisto? Estas perguntas estariam nos assinalando que podemos ficar nos pressupostos, não superar o obstáculo, e, portanto, não suscitar o imprevisto.

O encontro é encontro do real, o que é imprevisível, o contingente. Daí que, suscitar o imprevisto, implicaria permitir que surja o real, como encontro não esperado. Isto aponta Lacan quando, no Seminário *Os quatro conceitos*, diz: *"Onde encontramos esse real? Em efeito, de um encontro, de um encontro essencial se trata no descoberto pela psicanálise, de um encontro sempre reiterado com um real que se escape"*. Propõe-nos pensar assim *"a função da tyche, do real como encontro"*. Este real se apresenta a nós na forma do trauma, como inassimilável, mas, ao mesmo tempo, concebido como algo que deve ser tamponado pela homeostase subjetivante que orienta todo o funcionamento definido pelo princípio de prazer.

Palavras de Lacan onde situamos o *"à contrepied"* do argumento, esse obstáculo na marcha, mas que não é um mau obstáculo, senão o próprio obstáculo do sofrimento do inconsciente e que toma ao sujeito de improviso *"como quando se encontra o monstro do lago Ness no qual não se podia acreditar antes"*. Referimo-nos assim à ação do real, como encontro fracassado que gera no sujeito uma comoção de seu estatuto subjetivo, na medida que abriria uma hiância, uma abertura que poderia colocar no sujeito algum interrogante.

Se a pergunta é então como avançar a fim de suscitar o imprevisto, isto não implicaria produzir uma ruptura com um sentido pré-determinado? Romper a homogeneidade do relato favorece uma quebra que incomoda por sua falta de encerramento e resolução.

É com estas referências que retomamos então a pergunta inicial: O que podem augurar os encontros em Convergência?, pergunta que nos leva às razões mesmas da fundação, se convimos que a fundação do Movimento foi "um encontro" de analistas. Pois bem, se tratou da aposta para fazer avançar a psicanálise a partir de um "novo tipo de laço" entre psicanalistas. Por que nos propusemos um novo tipo de laço? Se nos referimos à Ata de Fundação, se tratava de *"afrontar os efeitos nocivos da fragmentação (...) de outra forma, de um modo distinto à instauração do laço piramidal e autoritário próprio de uma supra-associação"*. Hoje, quase vinte anos após a fundação, temos que interrogar esta aposta. Este "novo tipo de laço" tem sido extremamente fecundo, gerou inúmeros laços entre analistas de diferentes instituições, produziu verdadeiras "convergências" de diferenças que frutificaram em grupos de trabalho, jornadas, congressos; contando além disso com uma muito valiosa produção escrita que da conta dos mesmos. No entanto, em respeito à aposta de *"afrontar os efeitos nocivos da fragmentação"*, constatamos que isto não cessou. As instituições continuam se dividindo e são muitas as que deixaram de pertencer; embora tenham entrado novas instituições, o Movimento diminuiu, enquanto *"a não afiliação dos psicanalistas em relação às associações analíticas"* (Ata de Fundação) é uma problemática cada vez mais vigente. Mas isso também não é alheio a um contexto onde a vigência própria da psicanálise hoje se encontra questionada. A subjetividade da época hoje está marcada pela posição dominante de um discurso da ciência que se encontra em oposição à

psicanálise, e as práticas terapêuticas -em concordância com esse discurso- propõem verdadeiros adestramentos sob a promessa de curas mais rápidas e eficazes.

O que implica então, nesta situação do Movimento e da psicanálise, retomar a pergunta: como superar os pressupostos para avançar a fim de suscitar o imprevisto? Tentar alguma resposta nos leva a perguntar-nos: esta "situação da psicanálise" -e do Movimento- que incidências teve em nossos encontros? Por momentos, parecia que caímos num adormecimento imaginário-simbólico que fornece e protege -enquanto tal- um revestimento que não conduz a que os fatos denunciados tomem o estatuto de um real que comova. Nos adormecemos no *automaton* do sempre previsível, o que não está muito longe dos modos em que o neurótico convive com seu sintoma. Sabemos que este, por sua constituição, por um lado pode ser denunciado como algo que não funciona no real e pede para ser interpretado, mas por outro lado, é reduto de um gozo e defesa contra a angústia, com o qual persiste apesar da interpretação.

O chamativo é então esta inércia, este homeostase subjetivante que sublinhámos no início do trabalho, e que agora questionamos: a que se deve?, de que angústia nos defendemos?, qual é o horror ao qual retrocedemos? As consequências são da ordem do isolamento, nos trancamos em nós mesmos, estamos adormecidos como Movimento em ações que incidam na cultura, evitamos o debate, só falamos entre nós, e cada vez somos menos.

Achamos que a questão segue sendo relativo ao laço entre analistas. Como então pensar em um novo tipo de laço entre analistas? Talvez, por oposição ao laço piramidal e autoritário, foi instalado entre nós uma fratria horizontal que nos atola no narcisismo das pequenas diferenças?

Qual é o limite ao laço entre analistas? É possível sair da Religião do Pai sem nos consumir em uma irmandade adormecida que, impedida de reagir ante o que acontece tanto em seu seio como na cultura, desperdiça seu tempo em pequenas rixas domésticas?

Assim, o encontro entre analistas é diluído em previsibilidades que o burocratizam e o esterilizam. Cabe então a pergunta: é possível uma posição de psicanalista na extensão? Entendemos que disso se tratava na aposta a um novo tipo de laço, no qual a fundação de "Convergência" pode ser lida como uma tentativa de amarrar as falhas nas ligações entre as Instituições e nos laços entre os analistas. Mas isto precisará de uma invenção. Se a psicanálise em intensão apresenta-nos um novo laço porque isto é sempre renovado nos diferentes fragores da transferência, aqui, na cena coletiva, na transferência de trabalho, esse novo laço requererá uma invenção para nos acordar, nos tirar do isolamento e a armadilha em que estamos e renove nosso compromisso com a vigência da psicanálise.

Autores: Moisés Azaretzky, Liliana Fernández, María Eugenia Gutiérrez, María Silvia Lazzaro

Leitura a cargo de: María Eugenia Gutiérrez

Institución: Trieb Institución Psicoanalítica (Tucumán – Argentina)

Paris, Junio 2017